

Saúde

14 • CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, quarta-feira, 8 de fevereiro de 2017

AÇÃO PROMISSORA

Extrato de planta da caatinga pode ajudar a combater protozoário causador de doença sexualmente transmissível

A TRICOMONÍASE

CAUSA

É provocada pelo protozoário *Trichomonas vaginalis*, que infecta principalmente o órgão genital feminino. Geralmente, atinge a área externa da vagina, como a vulva e a uretra. Homens também são contaminados, mas não desenvolvem sintomas

COMPLICAÇÕES

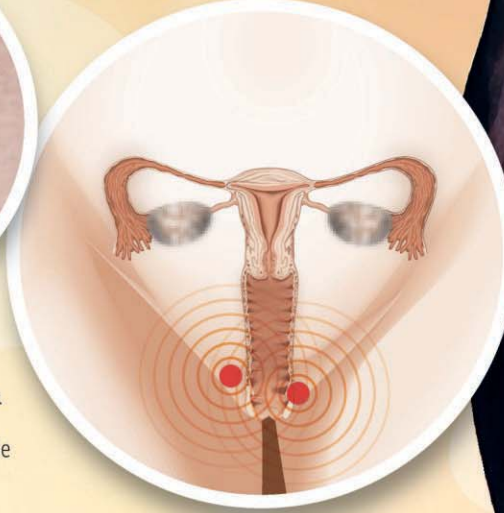
A tricomoníase também está associada ao aumento da transmissão de HIV, HPV, parto prematuro, bebês com baixo peso, doença inflamatória pélvica, infertilidade e câncer do colo do útero e próstata

SINTOMAS

Vaginite, corrimento vaginal, dor ao urinar e ao ter relações sexuais. A maioria das pessoas, porém, não apresenta as manifestações, o que reforça a necessidade da realização dos exames preventivos.

TRATAMENTO

A medicação-padrão é o antibiótico metronidazol. O aumento da resistência a esse tipo de medicamento, porém, tem comprometido as intervenções



Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172
/ fax: 3214-1155



INCIDÊNCIA

Segundo a OMS, a cada ano, 276 milhões de pessoas são infectadas pelo parasita no mundo. Dados do Ministério da Saúde indicam a ocorrência de 4,3 milhões de casos por ano no país

A PESQUISA

- 1 A equipe usou substâncias presentes no extrato da folha da maçaranduba-do-ceará, a *Manilkara rufula*. Essa árvore de frutos avermelhados chega a atingir 35 metros de altura e é nativa das matas do Maranhão e do Ceará a Pernambuco
- 2 Eles expuseram o extrato a duas espécies do protozoário que causam a doença: o *Trichomonas foetus*, que atinge o gado, e o *Trichomonas vaginalis*, que atinge humanos
- 3 A concentração de 10mg/ml do extrato conseguiu matar ambas as espécies

Fontes: Instituto Nacional do Semiárido e Enciclopédia Agrícola Brasileira

DST tratada com planta da caatinga

Extrato da folha da maçaranduba mata o protozoário causador da tricomoníase, mostra pesquisa brasileira. Mais comum em mulheres, a doença pode facilitar a ocorrência de infecções mais graves, como a do HIV

» VILHENA SOARES

Uma planta do nordeste brasileiro pode ser a fonte de tratamento para a tricomoníase, doença sexualmente transmissível (DST) que, além de coceira e dificuldade ao urinar, aumenta as chances de ocorrência de outras infecções mais graves, como a pelo HPV e pelo HIV. A propriedade da maçaranduba foi descoberta por pesquisadores do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), com sede em Campina Grande, na Paraíba, e detalhada recentemente na revista científica *Experimental Parasitology*. A expectativa é que o achado possa ajudar no desenvolvimento de remédios mais eficazes para tratar a DST.

Encontrada no Nordeste, a maçaranduba pertence à família Saputi, presente em um

extenso território brasileiro, do Piauí à Bahia. O extrato utilizado foi de folhas coletadas no Parque Nacional do Catimbau, em Buíque, município pernambucano. “No laboratório, desidratamos a folha em uma estufa e produzimos um pó. Nele, usamos também a acetona, semelhante à que retira esmalte, só que em uma fórmula mais pura, que ajuda a extrair todas as suas substâncias”, explica o **Correio** Alexandre Gomes, um dos participantes do estudo e pesquisador do Insa.

Feito o extrato da planta, os pesquisadores o colocaram em contato com protozoários que causam a tricomoníase em duas espécies: o *Trichomonas foetus*, que atinge o gado, e o *Trichomonas vaginalis*, que acomete humanos (Veja infográfico). “Foram testados na pesquisa nove dosagens diferentes da planta. No fim, chegamos à concentra-

Abate

A transmissão desse protozoário ocorre pelo cruzamento de fêmeas com touros infectados. Podem ocorrer perdas econômicas significativas para comerciantes devido a complicações causadas pela infecção nas vacas, como infertilidade, baixas taxas de gravidez e aborto. Erradicar a infecção gera custos elevados, já que não existe tratamento aprovado, tendo como único recurso de combate o abate de animais contaminados.

ção de 10mg/ml, quantidade necessária para matar 100% das duas variações de *Trichomonas*”, detalha Gomes. Os experimentos também mostraram que o extrato contém flavonoides e taninos, substâncias com ação antioxidante.

Joana Gonçalves, infectologista do Hospital Santa Helena, em Brasília, avalia que os resultados poderão render frutos na área médica. “É um estudo muito interessante. Primeiro, por ter abordado duas variações da doença e, segundo, por ter mostrado esse potencial antioxidante, o que abre um leque de oportunidades ao mercado farmacêutico”, comenta a especialista, que não participou do estudo.

A médica também ressalta a necessidade de novos medicamentos para tratar a tricomoníase em humanos. “Essa é uma DST que acomete ambos os gê-

neros e pode agravar outros problemas de saúde. Abre a porta para outros vírus e infecções, pode causar infertilidade e está associada ao câncer de próstata e ao de útero”, alerta.

O tratamento atual se dá por meio de comprimidos e pomadas prescritos para a pessoa infectada e o(a) parceiro(a). “Mas temos um percentual de resistência. Por isso, o uso precisa ser prolongado por 10 dias. Um remédio com uso mais fácil e eficaz contribuiria bastante para esse combate”, complementa a médica.

Preservação

A descoberta do valor protetivo da maçaranduba poderá fazer bem também para a própria espécie, que corre risco de extinção. Ela produz um fruto que não é consumido devido à presença de látex, mas sua madeira

sofre com a extração ilegal. “É um dado importante para uma planta nativa da caatinga porque pode agregar valor a ela, abrindo uma perspectiva para o desenvolvimento de arranjos produtivos”, acredita Gomes.

A opinião é compartilhada pela médica Joana Gonçalves. “Quem sabe essa descoberta pode servir como um incentivo para ajudar o reflorestamento e, dessa forma, também incentivar as pesquisas, que andam bastante carentes no país.” Os investigadores darão continuidade ao trabalho, focando no uso mais completo da maçaranduba. “Queremos trabalhar com um material que possa ser renovável, não só as folhas, porque isso pode ser tornar um fator limitante. Também pretendemos preencher os fatores necessários para o produto ser disponibilizado no mercado”, conta Gomes.

NUTRIÇÃO

Redução de carboidrato emagrece mais

Uma dieta baseada no consumo reduzido de carboidrato promove um pouco mais de perda de peso que regimes focados em baixo teor de gordura, diz um artigo da Clínica Mayo de Arizona publicado no *The Journal of the American Osteopathic Association*. De acordo com os médicos da instituição norte-americana que avaliaram as mais comuns estratégias de emagrecimento, aquelas que limitam a ingestão de carboidratos, como Atkins, South Beach e Paleolítica, são seguras por até seis meses. Dependendo do regime, a perda de peso pode ser de 1kg a 4kg

maior, comparado aos que restringem a gordura.

“A melhor conclusão é que aderir a uma dieta de baixo teor de carboidrato por pouco tempo parece seguro e pode estar associado à redução de peso”, diz Heather Fields, médica da Clínica Mayo, que, contudo, destaca que não está indicando esse tipo de regime. “Nós encorajamos os pacientes a comer comida de verdade e evitar alimentos altamente processados, principalmente as carnes processadas, como bacon, salsicha, cachorros-quentes, salame e presunto, independentemente da dieta que estejam seguindo”, diz.

Henrique Ferrera/Divulgação



Dietas como a Atkins focam na ingestão de carne e outras proteínas

Para fazer o estudo, os especialistas analisaram dados coletados de janeiro de 2005 a abril de 2016. Fields reviu artigos que

investigaram os efeitos adversos em potencial e a segurança geral das dietas de baixo teor de carboidrato. Geralmente, as que



Nós encorajamos os pacientes a comer comida de verdade e evitar alimentos altamente processados, principalmente as carnes processadas, como bacon, salsicha, cachorros-quentes, salame e presunto, independentemente da dieta que estejam seguindo”

Heather Fields, médica da Clínica Mayo e participante do estudo

restringem excessivamente essa substância levam ao consumo maior de carne — algumas delas implicaram em aumento de ris-

co de câncer e de mortalidade por todas as causas.

Enquanto os estudos disponíveis não se endereçaram consistentemente à fonte ou à qualidade de proteínas e gorduras consumidas nesses regimes, eles mostraram a eficácia de curto prazo na perda de peso, sem efeitos negativos na pressão sanguínea, na glicose e no colesterol.

Os dados, porém, vêm com uma advertência, diz Fields. “Os médicos devem ter em mente que a literatura (sobre o tema) é surpreendentemente limitada, considerando a popularidade dessas dietas e os benefícios à saúde alegados. Nossa revisão não encontrou questões de segurança na literatura médica atual, mas pacientes considerando esse tipo de dieta deveriam ser alertados de que há poucos dados sobre segurança e eficácia a longo prazo.”

